

Portugal perante a Revolução da Espanha



- ♦ Folheto de ANTERO DE QUENTAL, subtulado *Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica*, que se publica depois de Isabel II ter sido derrubada por Prim. Aí se proclama que a nacionalidade não passa de uma *forma passageira e artificial*, de *um facto do mundo político e como ele transitório e alterável*, dado que não seria *o símbolo único, a forma mais perfeita do sentimento nobre, o amor da Pátria*.
- ♦ Propõe então que *nas nossas actuais circunstâncias o único acto possível e lógico de verdadeiro patriotismo seria renegar a nacionalidade*.
- ♦ Porque *as forças mais moças e inteligentes, os elementos mais generosos da nossa sociedade estão comprimidas, as asfixiadas por esta forma estreita da velha nacionalidade. Entre uma coisa e outra é necessário escolher. Ora eu sustento que, entre as realidades eternas da natureza humana, de um lado e, do outro, a criação artificiosa e antiquada da política, não há que hesitar. Se não é possível sermos justos, fortes, nobres, inteligentes senão deixando cair no abismo da história essa coisa a que se chamou nação portuguesa, caia a nação, mas sejamos aquilo que nos criou a natureza, sejamos inteligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portugueses*.
- ♦ Advoga um iberismo espiritual, defensor de uma Espanha, não como uma nação, mas como um *aglomerado de elementos justapostos, mas não fundidos*, integrados numa república democrática e federalista.
- ♦ Neste sentido, as nacionalidades são consideradas como *coisa velha e caduca*, como um *obstáculo desgraçado, resto das hostilidades fatais de séculos bárbaros*.
- ♦ Em 1869 ainda sublinha que *Portugal está na classe dos povos extintos, como a Grécia: tem ainda habitantes que mantêm uma nacionalidade in nomine mas esta utopia, formada sobre os in-fólios dos cronicões, tem de se desmoronar por si mesma. É triste, mas é verdade*.